

## Resenha

**DENÉCÉ, Éric. *A História Secreta das Forças Especiais: de 1939 a nossos dias*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009. 448 p. ISBN 8576356082.**

**Bernardo Wahl G. de Araújo Jorge\***

Éric Denécé é diretor do Centro Francês para Estudos de Inteligência (CF2R) e professor associado na universidade *Bordeaux IV-Montesquieu*. Possui doutorado em Ciência Política pela Sorbonne. Durante sua carreira profissional, atuou como oficial analista de Inteligência naval na Divisão de Avaliação Estratégica no *Secretariat Général de la Défense Nationale* (SGDN) e como consultor do Ministério da Defesa francês em projetos sobre o futuro das forças especiais e acerca das disputas no mar do sul da China. Em 1999, criou a revista *Renseignement et Opérations Spéciales* (“Inteligência e Operações Especiais”). Ministrou aulas em inúmeras instituições, entre elas o *Collège interarmées de Défense*, o *Centre d’Etudes Supérieures Aérospatiales* e a *Université NDU de Beyrouth*, assim como tem publicados diversos livros sobre conflitos, operações especiais e atividade de Inteligência, entre eles *Histoire mondiale de l’espionnage* (2010) e *Les services secrets* (2008). No livro de referência à presente resenha, Denécé afirma que as informações disponíveis sobre as operações especiais são bastante limita-

das (p. 273). Então, pode-se ver *A História Secreta das Forças Especiais* como um importante exercício para jogar luz sobre tema tão controverso e fascinante.



O livro em questão possui 34 capítulos, divididos em duas partes, cada uma com 17 capítulos: (1ª parte) As Forças Especiais na História dos Conflitos a partir de 1939 e (2ª parte) Organização e Funcionamento das Forças Especiais Modernas. O capítulo XVIII (“O que é uma operação especial?”) é de particular interesse para

\* Bacharel em Relações Internacionais (USP), Mestre em Estudos de Paz, Defesa e Segurança Internacional (Programa “San Tiago Dantas” – UNESP, UNICAMP e PUC-SP) e Professor de Relações Internacionais nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU-SP). Contato: <bernardowahl@gmail.com>.

esta resenha. Segundo Denécé, deve-se entender por operação especial “o conjunto das ações que um efetivo reduzido, engajado secretamente por um período que pode chegar a muitas semanas, é levado a realizar para obter resultados estratégicos decisivos em contexto hostil” (p. 234). A particularidade mais característica das forças especiais é intervir em número muito reduzido. Assim, a expressão “coeficiente de força” é adequada às forças especiais: elas combatem com pequenos efetivos, contra um adversário numericamente muito superior. As forças especiais usam a astúcia objetivando a exploração dos pontos fracos do inimigo para disso extrair uma vantagem decisiva. É exatamente a equipe reduzida que, por causa de seu alto nível de preparo, treinamento e da qualidade dos equipamentos utilizados, garante a relação custo/eficácia característica das unidades de forças especiais.

Há exemplos de operações especiais desde a Antiguidade até as operações especiais modernas, surgidas em 1939, com a Segunda Guerra Mundial. O inventor das primeiras unidades especiais teria sido o guerreiro hebreu Gideão, cujo livro dos Juízes revela como, em 1.245 a.C., ele iludiu e venceu os adversários midianitas. A *Ilíada* e a *Odisséia* (ambas do séc. VIII a.C.) estão repletas de façanhas do tipo especiais, bastante eficazes. Tal forma de guerra irregular também existiu na China antiga: *A Arte da Guerra* (séc. IV a.C.), de Sun Tzu, e o célebre tratado *Os 36 Estratagemas* concedem um lugar primordial à guerrilha na condução da guerra. Eles preconizam a

ação pela retaguarda do inimigo, a fim de desorganizá-lo, formulando verdadeiros princípios de guerrilha. Desde antigamente, vencer por meio de operações especiais é não apenas destruir os meios de combate do inimigo mas também suprimir às tropas sobreviventes qualquer vontade de combater.

Do ponto de vista histórico, as forças especiais modernas surgiram na Segunda Guerra Mundial, a partir de uma decisão de Winston Churchill (1874-1965), baseada em uma experiência vivida pelo mesmo algumas décadas antes. Em 1899, Churchill exercia a função de oficial de imprensa na África do Sul, em plena Guerra dos Bôeres (1899-1902). Acabou sendo feito prisioneiro, o que teve um lado relativamente positivo: pôde observar os famosos kommandos, as unidades de combate dos bôeres. Kommando era a unidade militar do distrito eleitoral no qual estavam inscritos todos os cidadãos homens do local em idade de alistarem-se. Tais homens recebiam treinamento regular: eram rápidos, excelentes atiradores, cavaleiros notáveis, resistentes, sóbrios e conheciam bem o terreno. Para se abastecerem e se armarem, os kommandos bôeres atacavam comboios, mantinham as guarnições isoladas e sabotavam as vias férreas. Eles também não hesitavam em usar uniformes britânicos, permitindo dessa forma que os bôeres escapassem ou surpreendessem as patrulhas. Apesar de estarem na proporção de um para cada dez britânicos, os kommandos exploraram seu conhecimento do terreno, a mobilidade e as habilidades “demoníacas” no tiro.

Pouco numerosos, os kommandos podiam surgir onde o inimigo não os esperava, e empreender ações pontuais, rápidas, à noite. Churchill, ao refletir sobre a entrada de tanques alemães em Sedan, na França, lembrou de sua experiência na África do Sul e dos kommandos. Acabou por redigir um memorando que foi o ato de nascimento dos comandos, em 1941: a mística dessas unidades foi assim posta em marcha.

Todavia, apesar da criação dos comandos, os ingleses ainda tentavam interromper a interminável série de derrotas que vinham sofrendo desde a entrada na guerra, em 1940. É aí que surge David Stirling (1915-1990), criador do *Special Air Service* (SAS), a grande referência quando se fala de forças especiais (aliás, segundo Denécé, quanto se trata de operações especiais, os britânicos continuam inegavelmente os maiores peritos, tanto no plano conceitual como operacional – p. 272). Oficial subalterno, Stirling ficou preso a uma cama de hospital após uma primeira má experiência com o paraquedismo. Nesse período de recuperação, Stirling passou a refletir sobre os fracassos da sua unidade militar, utilizando o método da simplicidade: se a doutrina militar britânica tradicional julgava indispensável o uso de efetivos de duzentos homens para determinadas missões, Stirling sugeria o uso de patrulhas com cerca de quarenta soldados, os quais deveriam ser audaciosos, resolutos, supertreinados e experimentados na utilização de métodos pouco ortodoxos e que, além disso, soubessem operar com pouco suporte logístico, assim

como deveriam ser capazes de utilizar todos os meios de infiltração.

Historicamente, as operações especiais se caracterizam por seis critérios significativos, que muito claramente as diferenciam das ações comando: (1) a busca de um efeito decisivo, o qual se pode qualificar de “efeito de ruptura”; (2) o caráter altamente perigoso das missões; (3) o volume reduzido do efetivo engajado; (4) o modo de ação não convencional; (5) o domínio da violência e; (6) a confidencialidade em relação às unidades e a seu pessoal. As missões especiais podem ser resumidas em três *modi operandi* principais: (a) operações autônomas na retaguarda do inimigo; (b) como unidades precursoras, no acompanhamento ou no apoio às forças convencionais; e (c) como unidade de apoio a operações clandestinas, em ligação com os serviços secretos.

Enquanto as operações dos comandos apoiavam taticamente as batalhas e os serviços especiais conduziam operações à paisana, o SAS cumpria as seguintes missões definidas por Stirling. Primeiro: incursões em profundidade, por trás das linhas inimigas, dirigidas contra os centros vitais do quartel-general, campos de pouso, linhas de abastecimento etc. Segundo: realização de atividade ofensiva estratégica a partir de bases secretas posicionadas no interior do território inimigo e, se houvesse oportunidade, recrutamento, treinamento e coordenação de elementos da guerrilha local. Operações de combate não convencionais foram outra faceta dos serviços especiais. Além

da ação dos comandos e das forças especiais, Churchill percebeu que era necessário multiplicar as ações de sabotagem e de guerrilha na retaguarda inimiga, utilizando métodos de guerra clandestinos. Churchill criou então o *Special Operations Executive* (SOE), encarregado de colocar a Europa sob “fogo e sangue”. O SOE foi formado a partir de duas unidades já existentes: a Seção D – encarregada de sabotagem – do MI6 (sigla para *Ministry of Intelligence, Section 6*, também chamado de *Secret Intelligence Service* – SIS, o serviço de Inteligência britânico) e o *Military Intelligence/Research* (MI/R), organismo encarregado de estudar técnicas de guerrilha.

Outro interessante capítulo de A História Secreta das Forças Especiais é o XIX, sobre as ações clandestinas. Uma operação especial é uma ação militar de guerra não convencional. As unidades utilizadas são “especiais” (em relação ao restante da instituição militar) e secretas (isto é, há a proteção dos indivíduos e da natureza de suas atividades). Embora as unidades especiais devam atuar o mais discretamente possível, a fim de preservar o elemento essencial de seu modo de agir – a surpresa -, sua ação prescinde de medidas clandestinas e de agentes secretos. As ações especiais são reveladas ao inimigo no momento de sua realização, quando ele é vitimado por elas. É por isso que elas não são clandestinas, mas apenas secretas. Existem basicamente quatro *modi operandi* das operações especiais: elas podem ser abertas (*overt*), de baixa visibilidade, encobertas (há ênfase na dissimulação da identidade do mandante, o qual toma todas as

precauções para poder negar de maneira plausível que esteja na origem da operação) e clandestinas (a ênfase está na dissimulação da própria operação).

As operações clandestinas caracterizam-se, sobretudo, pelo fato de que não são “assinadas”, revestindo-se frequentemente de caráter ilegal. Elas respondem a critérios específicos: devem ser absolutamente secretas, antes, durante e depois de sua realização; o pessoal utilizado permanece totalmente anônimo e ignorado pelo inimigo, que não deve suspeitar de que agentes adversários operam em seu meio; utilizam técnicas conspirativas (códigos, contatos secretos, encontros clandestinos, interceptação de mensagens, corrupção, intoxicação, uso de identidades falsas, etc); as consequências de sua intervenção devem parecer fruto do acaso, acidente ou fatalidade; devem deixar pistas falsas e lançar suspeitas sobre terceiros, inocentes ou não. Para que uma ação desse tipo seja verdadeiramente clandestina, ela não pode ser realizada por operadores integrados aos serviços de determinado Estado, e menos ainda a seus exércitos. A ação clandestina deve envolver terceiros com interesse próprio nos mesmos atos. Convém confiar esse tipo de missão a atores sem ligação aparente com o mandante, se necessário até mesmo apelar a agentes internacionais, ainda que se corra o risco de ter de eliminá-los depois. Pode-se considerar, até mesmo, fazer com que a responsabilidade pela operação seja atribuída a outro Estado.

Segundo Denécé, a doutrina francesa distingue operações especiais de ope-

rações clandestinas mais rigorosamente do que a dos os países anglo-saxões (p. 253). Mas o caso do SAS inglês é de particular interesse aqui. O papel atribuído ao 22º SAS é triplo, quer dizer, ele é, ao mesmo tempo, (1) uma força especial capaz de modos de ação militarizados; (2) um grupo antiterrorista, em território nacional ou estrangeiro (em períodos de crise, membros do SAS armados e à paisana embarcam regularmente em voos comerciais); e (3) um organismo paramilitar cujos destacamentos podem ser eventualmente colocados sob comando operacional dos serviços de ação clandestina. O regimento intervém atuando para o *Secret Intelligence Service*.

O capítulo XXVIII trata da seleção, formação e treinamento das forças especiais. Antes de se começar a chamada “festa”, os candidatos devem resolver quaisquer problemas de ordem pessoal que possam colocá-los em situação de desequilíbrio psicológico: brigas com a esposa, problemas financeiros domésticos, problemas médicos seus ou da família, falta de confiança em si ou falta de motivação, forma física a desejar, etc. As provas do processo seletivo multiplicam situações de estresse, para discernir aqueles que realmente se revelam capazes de reagir com calma em situações difíceis, apesar da fadiga e do desconforto. Tal noção de dureza é fundamental. Segundo Denécé, entre os comandos da marinha francesa, considera-se que o integrante das forças especiais é um “cavalo de trabalho”, mais capaz de esforço de longa duração do que um puro-sangue, apto a ter bom desempenho em intervalos de tempo muito curtos (p. 344). Além de certo grau de

rusticidade, os recrutadores interessam-se principalmente pelos candidatos que demonstram cinco qualidades psicológicas em particular: (1) autonomia, (2) aptidão para o trabalho em equipe, (3) capacidade de exercer seu julgamento em ambiente fortemente estressante, (4) capacidade de adaptar-se às circunstâncias e (5) autodisciplina. Como grande parte das missões das forças especiais é altamente confidencial, é importante que os indivíduos selecionados apresentem todas as garantias de segurança antes de terem acesso a segredos.

Entretanto, como lembra Denécé, as investigações de segurança não são infalíveis. Foi assim que um tal de Ali Mohamed conseguiu a proeza de integrar ao mesmo tempo as forças especiais norte-americanas (Boinas Verdes) e os quadros da al-Qaeda (p. 349). Um outro problema quando se trata das forças especiais são as sociedades militares privadas. Os Estados Unidos vêm utilizando-as há algum tempo, com destaque para a guerra no Iraque. Mas existem riscos que os EUA correm ao “terceirizarem” suas operações especiais ou clandestinas a organismos privados. Tal processo acaba por facilitar as tentativas de penetração por parte do inimigo. O domínio do ensino de idiomas parece ser particularmente adequado à infiltração. De qualquer maneira, com problemas de segurança ou não, as Forças Especiais conquistaram o seu espaço. Enfim, encerra-se aqui esta resenha, com uma frase da cerimônia da entrega da boina cor de areia do SAS, proposição que reflete bem o espírito das forças especiais: “Eis sua boina. Mas lembre-se: é mais difícil mantê-la do que obtê-la!” (p. 355).